

Declaração de Nagasaki pela Paz

9 de agosto de 1945 - uma única bomba atômica lançada por uma aeronave americana destruiu instantaneamente a cidade de Nagasaki e, até o final daquele ano, havia feito cerca de 150.000 vítimas – dois terços da população – incluindo mortos e feridos.

Katsuji Yoshida (in memoriam) foi vítima do bombardeio aos 13 anos de idade e descreveu a devastação, como infernal, da seguinte maneira:

“Enquanto caminhava em direção ao hipocentro, vi pessoas vagando sem rumo — algumas negras e carbonizadas, outras com os globos oculares saltando das órbitas, outras ainda com entranhas expostas e membros decepados. Ao chegar ao rio Urakami, encontrei muito mais pessoas, horrivelmente queimadas e em poças de uma mistura de óleo, sangue e água imunda, morrendo uma a uma enquanto bebiam a mesma água. Eu estava encharcado de sangue da cabeça aos pés, e minha pele estava se desprendendo, pendurada em tiras soltas. Embora a pele do meu rosto permanecesse, estava chamuscada e reduzida a uma crosta negra e queimada.”

O Sr. Yoshida ficou com grandes cicatrizes de queimaduras no rosto que nunca desapareceram e continuou sofrendo por toda a vida devido à forma como as outras pessoas o viam. Mesmo aqueles que escaparam por pouco da morte, carregaram profundas feridas físicas e emocionais, vivendo uma vida inteira com medo e ansiedade de desenvolver doenças, como o câncer, como resultado da exposição à radiação nuclear.

Atualmente, existem mais de 12.000 ogivas nucleares na Terra.

Por que alguns países se apegam tão tenazmente a armas tão cruéis?

Em um contexto de desconfiança mútua, confronto e divisão na comunidade internacional, o "governo pela força" das grandes potências está saindo do controle. As guerras na Ucrânia e no Oriente Médio – conflitos envolvendo Estados detentores de armas nucleares – permanecem imprevisíveis. Por outro lado, movimentos contrários ao desarmamento nuclear, como a modernização e a expansão dos arsenais nucleares, estão se intensificando. Assim, estamos presos em um círculo vicioso que aprofunda ainda mais a desconfiança mútua, o confronto e a divisão.

Essa realidade é claramente ilustrada pelo fato da Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) ter falhado em adotar o documento final sobre desarmamento nuclear por três vezes consecutivas.

Os países que dependem de armas nucleares defendem a “dissuasão nuclear”, segundo a qual a mera posse de armas nucleares, mesmo que não sejam efetivamente utilizadas, pode dissuadir outros países de realizar ataques. Contudo, em um contexto extremo de uma guerra, quando confrontados com uma decisão suprema da qual dependa a própria sobrevivência da Nação, quem pode argumentar que, mesmo assim, se absterão de pressionar o “botão nuclear”?

Os bombardeios atômicos em Hiroshima e Nagasaki confrontaram o mundo com a realidade de que a humanidade poderia cruzar a linha e utilizar armas nucleares contra outros seres humanos.

Os sobreviventes e as cidades que vivenciaram em primeira mão o poder destrutivo das armas nucleares, que destroem tudo por completo, tanto a vida quanto a dignidade humana, falamos com convicção, com base nessa experiência.

A teoria da dissuasão nuclear é extremamente perigosa. As armas nucleares não são um “mal necessário”, são um “mal absoluto; a humanidade e as armas nucleares jamais poderão coexistir.

A todos os cidadãos do mundo que vivem neste planeta: Há coisas que podemos fazer para construir um mundo de paz.

“O ponto de partida para a paz é um coração que compreende o sofrimento humano.”

Estas são as palavras que o Sr. Yoshida sempre compartilhava ao relatar a sua experiência com o bombardeio atômico.

Colocar-se no lugar do outro, ter empatia com seu sofrimento e buscar o entendimento mútuo são passos importantes para evitar conflitos e confrontos. Esses são os alicerces para cultivar a confiança e construir relações amistosas – seja entre indivíduos ou entre nações.

Que as palavras do Sr. Yoshida fiquem gravadas em nossos corações e transformemo-las em ações.

Aos líderes de todas as nações: Restabeleçamos urgentemente o multilateralismo e o “estado de direito”, com base nos princípios da Carta das Nações Unidas. Resgatemos o espírito que inspirou a fundação das Nações Unidas – um espírito dedicado a defender a dignidade humana e os direitos humanos fundamentais, à conquista de uma paz duradoura e a prosperidade compartilhada para a humanidade por meio da cooperação internacional.

Aos líderes dos Estados detentores de armas nucleares e das nações que dependem da dissuasão nuclear: Encarem a realidade de que, quanto mais dependam da dissuasão nuclear, maior será o risco de uma guerra nuclear. Exortamo-los veementemente que cumpram suas obrigações no âmbito do TNP e façam progressos constantes rumo ao desarmamento nuclear.

Em particular, o governo japonês deveria participar da Primeira Conferência de Revisão do Tratado sobre a Proibição das Armas Nucleares, a ser realizada este ano, cumprindo assim sua missão histórica como o único país a ter vivenciado uma guerra nuclear. Instamos para que se mantenha fiel à filosofia de paz e aos três princípios não nucleares da Constituição Japonesa – que consagram a determinação de renunciar à guerra e, ao mesmo tempo, instamos que fortaleça a diplomacia para aliviar as tensões internacionais e a promoção do desarmamento. Apelamos a uma transição para uma política de segurança que não dependa de armas nucleares, incluindo o estabelecimento de uma zona livre de armas nucleares no Nordeste Asiático.

Além disso, instamos veementemente um maior apoio aos sobreviventes das bombas atômicas – cuja idade média já ultrapassa os 86 anos – e por assistência imediata àqueles que sofreram com o bombardeio atômico, mas que ainda não foram reconhecidos como sobreviventes.

Expresso minhas mais sinceras condolências àqueles que perderam suas vidas nos bombardeios atômicos e a todas as vítimas de guerra.

Precisamente porque ainda podemos ouvir diretamente as vozes dos sobreviventes da bomba atômica hoje, continuaremos a transmitir resolutamente a memória do bombardeio e os sentimentos dos sobreviventes às futuras gerações.

Que Nagasaki seja a última cidade a sofrer com um bombardeio atômico. Para garantir que esse compromisso se torne uma realidade duradoura, Nagasaki declara seu compromisso de se solidarizar com as pessoas que prezam a paz em todo o mundo e de avançar – sem jamais vacilar – rumo à abolição das armas nucleares e à concretização de uma paz mundial duradoura.

Shiro SUZUKI
Prefeito de Nagasaki
9 de agosto de 2026